



Chrys Chrystello\*

# O pesado fardo da Guerra colonial

Há mais respeito pelas prostitutas do que pelos soldados, furriéis e oficiais milicianos (à força) do exército colonial português, todos escondidos e envergonhados. Afinal eram mesmo carne para canhão. Na maior parte dos países onde vivi e nos que visitei havia uma certa aura de glória, direi mesmo, respeito, pelos bravos que ao longo dos séculos haviam combatido em nome da noção alienígena que é a pátria. Havia paradas monstruosas e centenárias como as célebres marchas dos ANZAC (Australian and New Zealand Corps) na Austrália, e nos EUA. Durante anos, houve respeito pelos bravos vítimas das 1001 guerras americanas no mundo, nomeadamente 2ª Grande Guerra, o massacrado Vietname, Coreia, etc.

*Como antimilitarista, ferrenho e empedernido, que sempre fui e recordando que fui obrigado a ir para fora defender um Império que já não existia e que, a mim, nada dizia, tenho de admitir que de nada me envergonho nesses anos, em que agi de acordo com a minha consciência, com a minha ação anticolonial como melhor forma de servir a dita "pátria" (segundo Ramos Horta eu era um oficial anticolonialista, in Expresso 28/11/2015). Mas para todos, mesmo para aqueles que cegamente obedeceram às ordens militaristas e fizeram o que lhes mandavam, até por que na maior parte dos casos, não tinham alternativa, creio que lhes deve ser concedido o respeito de que hoje carecem, esquecidos na teia de doenças, alcoolismo, depressão, sem apoios do Estado que os mandou morrer e matar pela pátria. Bem ou mal, fizeram o que se esperava. E vemo-los hoje, nos sem-abrigo, nas famílias disfuncionais, no conluio com os seus segredos de guerra ciosamente guardados, sem catarse possível.*

*Nos EUA é bem pior, os veteranos de guerra são já uma espécie de escória a varrer para o esquecimento, sob o tapete diáfano de mil e uma guerras sem razão, como se as guerras alguma vez tivessem alguma razão, exceto a perpétua repetição da história dos países.*

*Quando cresci havia respeito pelos veteranos sobreviventes da mortandade na campanha portuguesa na 1ª Grande Guerra, conheci alguns heróis, de medalhas ao peito em marchas da famigerada Liga dos Combatentes (a que pertenci durante anos após o 25 de abril, comprava-se comida barata no "casão"). Hoje, não sabemos quantos são, quantos sofrem, quantos sobrevivem.*

*Nalgumas aldeias e vilas do interior profundo de Portugal alguns autarcas mandaram erigir pequenos monumentos em honra da memória desses bravos, mas regra geral, foram esquecidos e temem falar sobre o tema, ou evitam-no a todo o custo. Nos Açores, autores houve que trataram o tema em livro: Urbano Bettencourt, Cristóvão de Aguiar, João de Melo, para citar apenas alguns que me vêm à memória de momento, mas outros preferem manter um silêncio discreto, tal como o dono do café da esquina, o dono do restaurante mais acima, o lavrador que vive na rua e se recusa a falar do tema e tantos outros de que nem sei a existência.*

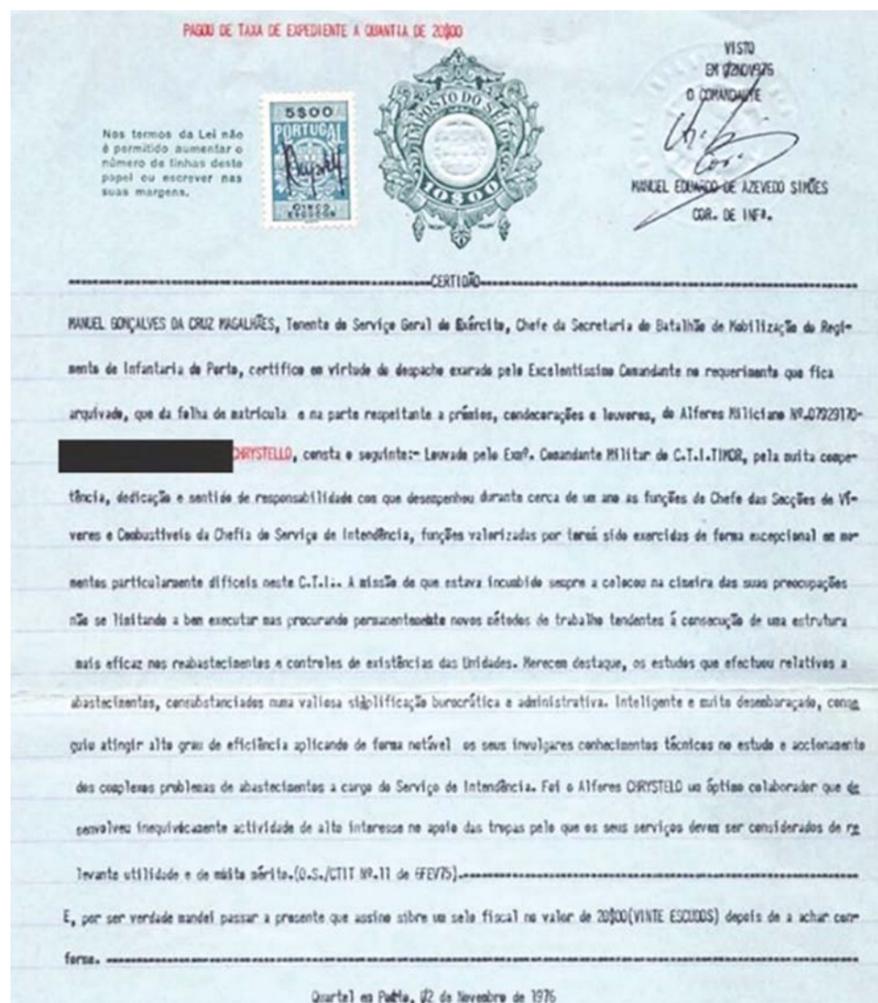
Estava uma pessoa entretida nas suas lides nos anos de 1960, a estudar, a trabalhar e mourejar nos campos aqui nos Açores ou em Trás-os-Montes, ou em qualquer outro local e vinha a malfadada mobilização para Angola, Guiné, Moçambique, ou outro ponto do império e a vida acabava ali, mesmo que voltassem vivos e sem mazelas de vulto. Para muitos, adiava-se a ida enquanto se pudessem continuar os estudos, na esperança infundada de que a guerra colonial acabasse.

Para outros era a saída da terrinha natal (e quantas vezes não era esta a

primeira vez que saíam do cantinho natal da sua ilha?). Não irei descrever as noções contraditórias que de todos se apoderavam no caminho de ida, na estadia e no possível regresso se não morressem ou não ficassem estropiados, pois isso foi tema de pessoas mais abalizadas.

Sei apenas que a mim foi um trauma que gorou os planos de vida, me impeliu para vários planos inclinados e obrigou a agarrar boias de salvação para percorrer o caminho que me trouxe aqui: Há mais respeito pelas prostitutas do que pelos soldados, furriéis e oficiais milicianos (à força) do exército colonial português, todos escondidos e envergonhados.

Afinal eram mesmo apenas carne para canhão. Dito isto orgulho-me de ter sido louvado.



\*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713

## Pedro Nascimento Cabral destaca “respostas diferenciadoras” de Ponta Delgada para o turismo sénior

O Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada destacou as “respostas diferenciadoras” que o concelho tem para oferecer ao nível do turismo sénior e em benefício de uma “seniorização activa, saudável e feliz”.

Pedro Nascimento Cabral falava durante a sessão pública do lançamento do livro ‘Turismo Sénior, tendências e oportunidades pós Covid-19’ que teve lugar na Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada.

“No desafio da garantia de um envelhecimento activo, de que a Câmara Municipal

de Ponta Delgada é activamente defensora junto da população local, nas áreas da recreação, actividade física e cultura, entrosam medidas que visam, por igual, quem nos visita, considerando a desejada adaptação aos novos paradigmas de atractividade turística, sem hipotecar, logicamente, a sustentabilidade ambiental que pontua a estratégia do actual executivo camarário”, venceu o autarca, lembrando que, ainda este ano, a autarquia colocou em marcha o Plano Municipal para o Envelhecimento Activo.

“Enquanto concelho, que é a principal porta de entrada de quem visita os Açores temos de estar em constante actualização para estarmos à altura dos novos desafios que são abordados, também, neste livro”, fez questão de sublinhar o autarca.

“Por isso, considero esta obra colectiva um importante contributo para a consolidação do nosso destino como ideal para o turismo de lazer, de saúde e doutras vertentes desta actividade socioeconómica junto de uma faixa da população que está, também, a mudar a sua significância na

hierarquia social”, concluiu, congratulando a equipa multidisciplinar pelo trabalho levado a efeito.

A obra ‘Turismo Sénior, tendências e oportunidades pós Covid-19’ foi coordenada por Teresa Medeiros, resultante do trabalho de equipa multidisciplinar do Projecto de investigação TURIVIVA+ (Turismo Sénior: Rotas de Bem-Estar e Vivências Locais num Ecosistema Insular - financiado pelo programa PO2020 Açores e Governo Regional dos Açores), iniciativa de pesquisa levada a cabo durante os últimos três anos.